

Fundador Joaquim Manso

Director A. Ruella Ramos Director-adjunto Fernando Piteira Santos

LISBOA CONTINUA SEM ÁGUA



Dez mil quilos de roupa para lavar no Hospital de S. José



«Bicha» continua no chafariz do Largo do Rato



Garrações, bidons, mangueira à mão: a tortura do lisboeta

BOMBISTAS JÁ VOTARAM

Com uma antecedência de três dias, os bombistas, ao danificarem gravemente a condução de água a Lisboa, já deram o seu voto: afectar a tranquilidade e segurança de mais de um milhão de cidadãos, tentar diminuir a importância que o acto eleitoral do próximo domingo tem para a consolidação do nosso Estado democrático. As forças reacçãoistas e fascistas continuam a pôr em perigo as conquistas do 25 de Abril, confiadas na impunidade.

Enquanto as autoridades policiais continuavam, esta manhã, sem qualquer pista sobre os bombistas que, na madrugada de ontem, sabotaram o aqueduto Tejo, nas proximidades da Póvoa de Santa Iria grande parte da população de

Lisboa e dos concelhos limítrofes saía à rua em busca de água, chegando mesmo a utilizar a existente em vários lagos públicos, como a nossa reportagem pode verificar no Campo Grande, na Avenida da Liberdade e no Jardim Constantino.

Houve mesmo certos locais, como por exemplo num chafariz situado à Igreja de S. Domingos, em que as pessoas mantiveram longas bichas durante a madrugada, utilizando toda a espécie de utensílios, desde a panela ao garrafão.

Também nos hospitais, sobretudo de Santa Maria e de S. José, a água dos reservatórios privativos ameaça faltar dentro de horas, apesar do consumo ter sido reduzido para metade e de continuamente chegarem ali autotanques dos

bombeiros. Como consequência mais directa desta situação, grandes volumes de roupa suja já se aglomeravam nas lavandarias. Para efeitos de suprir as necessidades de água, os bombeiros, responsáveis do Hospital de Santa Maria, analisaram ao Instituto Ricardo Jorge as águas de uns poços de reserva, estando agora a aguardar os resultados.

O Batalhão de Sapadores Bombeiros, que coordena as operações de fornecimento de água aos serviços públicos de urgência, dispõe de quinze autotanques fornecidos pela Câmara Municipal de Lisboa e pelo Exército, com uma capacidade total de cerca de 120 mil litros para tentar suprir os 360 mil metros públicos diários em falta. «Desde ontem já recebe-

mos milhares de pedidos, sobretudo de creches, lares, quartéis, hospitais e padarias», referiu um porta-voz daquela corporação, contando que um autotanque que, esta manhã, procedia ao reabastecimento de uma padaria, na zona de Arroios, foi positivamente assaltado por cerca de 300 pessoas. «Só nos deixaram em paz quando acedemos ao seu pedido de abastecimento», adiantou.

Já ontem, em muitas mercearias e supermercados da capital se tinham esgotado as águas minerais em garrações, recursos dos habitantes, não só para a cozinha como também para a higiene pessoal.

Entretanto, segundo informa a E.P.A.L., os trabalhadores de

Continua na pág. 24

ELEIÇÕES DEPOIS DE AMANHÃ

Vinte e quatro horas de reflexão para onze horas nas urnas

Termina às 24 horas de hoje a campanha eleitoral com vista às autarquias locais. Amanhã, ao abrigo da lei, o dia será consagrado à «reflexão» do eleitorado, que deverá acorrer às urnas nas onze horas que medeiam entre as 8 e as 19 horas de domingo, dia 12.

Decorrendo ao longo de dez dias, a mais curta campanha realizada no quadro institucional, desde a promulgação da Constituição da República, foi pontuada por incidentes diversos e culminou com novas investidas bombistas, tendo a capital como palco.

Para além disto, estes dez dias foram caracterizados por uma relativamente fraca actividade partidária, apontando para uma tentativa de «desvalorização» política do próximo acto eleitoral. Com excepção da F.E.P.U., que promoveu milhares de iniciativas de propaganda e esclarecimento em todo o País, as restantes forças raramente vieram ao primeiro plano da cena nacional.

A despeito disto, para a maioria dos observadores é atribuída a estas eleições um

significado que transcende as 4017 freguesias e 304 concelhos em jogo e que se projecta no futuro próximo do País, quer pela prova de confiança que poderão representar relativamente ao actual Governo, quer pelo peso que eventualmente terão junto dos órgãos do poder político-militar. A reter ainda que estas eleições decorrem em momento de agudi-

zação de conflitos, de que são exemplos a situação sindical e a legislação de trabalho, a austeridade e o aumento do custo de vida, a situação da Reforma Agrária e a ofensiva da reacção em todos os sectores da vida nacional.

Onze frentes e partidos concorrem a este acto eleitoral: P.S., F.E.P.U., P.S.D., C.D.S., G.D.U.P., M.R.P.P., P.C. de P.

(m-l), L.C.I., P.R.T., P.P.M. e P.D.C. Para além destes, porém, em numerosas freguesias, nomeadamente de Lisboa, apresentam-se listas de grupos de cidadãos sem vinculação partidária e as quais, nos boletins de voto, serão designadas por números. No caso da capital, algumas destas listas são, todavia, apoiadas pela

Continua na pág. 24

Um director da PIDE em liberdade

Mais um «pide» saiu ontem em liberdade. Desta vez um director de serviços, de nome Manuel da Silva Clara, funcionário da Polícia política desde 1951, sendo sucessivamente inspector, subdirector de serviços, e director.

Grças à benevolência do tribunal e da legislação em vigor, o Manuel Clara foi condenado a 18 meses de prisão, considerados já cumpridos, pela prisão preventiva de 22 meses, já sofrida. O 4.º Tribunal,

que a semana passada condenou um ex-chefe de brigada da P. I. D. E. a 5 anos de suspensão dos direitos políticos, era presidido pelo coronel Fernando Eugénio da Paiva Ribeiro, sendo juiz-auditor o dr. Francisco da Rocha Moreira e o coronel Manuel Martins Pires. A acusação esteve a cargo do coronel Casimiro Dias Morgado e a defesa do dr. Joaquim da Ponte Valentim. Este seria, aliás, mais do que o Manuel Clara, a «figura» do julga-

mento. Foi ele que fez o elogio da P. I. D. E.; foi ele que considerou que a actividade da polícia política não era criminosa, embora se saiba que era condenada por textos de direito internacional; foi ainda ele que afirmou que, se um dia estivesse no banco dos réus, gostaria de o fazer pelos mesmos motivos por que ontem lá estava o ex-director de serviços Manuel Clara; foi ele ainda que leu, em pleno tribunal, um poe-

Continua na pág. 24

CRISE NA PREVIDÊNCIA

Caixa de Pensões sem dinheiro para pagar Dezembro

(Pág. 11)

GOVERNADOR DE BRAGANÇA AO "DL"

"O POVO DE TRÁS-OS-MONTES VAI VOTAR POR CACIQUIZMOS"

(Págs. centrais)